

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

GÉSSICA GABRIELLE GOMES DA SILVA

A ESCRIVIVÊNCIA DE UMA NEGRA PARA SE TORNAR PSICÓLOGA, POR
UM FIO: O DESTRAVAMENTO

MACEIÓ

2021

GÉSSICA GABRIELLE GOMES DA SILVA

A ESCRIVÊNCIA DE UMA NEGRA PARA SE TORNAR PSICÓLOGA, POR
UM FIO: O DESTRAVAMENTO

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado ao Curso de Psicologia da
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Auxiliadora
Teixeira Ribeiro.

MACEIÓ

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Valter dos Santos Andrade – CRB4-1251

S5863 Silva, Gêssica Gabrielle Gomes da.

A escrivivência de uma negra para se tornar psicóloga, por um fio:
o destravamento / Gêssica Gabrielle Gomes da Silva – 2021.
41 f.

Orientadora: Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia) –
Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Psicologia, Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 38-41.

1. Mulheres negras. 2. Negras. 3. Escrivivência. 4. Psicólogos -
Formação. I. Título.

CDU: 159.9

Avaliadora

Meus Agradecimentos...

... À força maior, suprema, por sempre me impulsionar, interiormente, a nunca desistir dos meus objetivos almejados.

Aos meus ancestrais por nunca me abandonarem em minhas caminhadas.

Ao meu painho (Sr. Edmilson) e a minha mainha (Sra. Cristiana), que sempre foram meus maiores inspiradores de vida, por sempre me darem todas as condições, até mais que necessárias, para que eu continuasse e por sempre estarem ao meu lado.

Ao meu irmão (Ninho).

A todas e todos que compõem minha família maior, voinha, voinho, tio, tia, primas e primos.

Ao meu tio Binho (em memória), que era a pessoa mais empolgada para a minha formação, mas que está dentro do meu coração.

A minha eterna Abigail (minha cachorrinha falecida) que me fez companhia nos momentos felizes e nos difíceis da minha vida, inclusive, nas madrugadas de leituras e estudos.

A todos os chás e cafezinhos que me tiraram o sono para que eu continuasse a rotina de leituras e escritas.

A todas as pessoas das turmas de Psicologia da Ufal que passaram por minha vida e fazem parte da minha história.

A todas as instituições de saúde que fizeram parte da minha trajetória.

Às/aos docentes e técnicas/os do Instituto de Psicologia, por toda a assistência e pelas trocas feitas durante meu percurso.

Às/aos trabalhadoras/es terceirizadas/os.

Às músicas e ao mar que me fizeram revigorar as forças em muitos momentos de angústia.

À professora Xili, pelo acolhimento, como professora, como supervisora de estágio e depois como orientadora de TCC, que me apoiou e compreendeu de forma única no meu processo de formação.

A todas/todos que torceram direta ou indiretamente por mim.

Às pausas e às retomadas!

Não devemos ter medo dos confrontos... até os planetas se chocam e do caos nascem as estrelas.

RESUMO

Essa escrita foi acontecendo de maneira leve e livre. Comecei escrevendo sobre minha infância, escrevendo sobre mim. Fui desenvolvendo meu tecido. Talvez, um tecido um tanto confuso, mas meu. Eu! “O que você quer ser quando crescer?”, passearei um pouco por esta fala, seus sentidos e efeitos em minha construção. Aos poucos fui entrelaçando minhas vivências, desde minha infância, que foram ganhando sentido(s) e/ou refazendo sentidos, passando por meu processo de tornar-me uma mulher negra, bissexual e como esses processos, vivências mereciam atenção e foram se construindo em minha trajetória. A seguir, trago a fundamentação do caminho pelo qual trilhei em minha escrita, a escrevivência (EVARISTO, 2007). O método da escrevivência foi um destravamento para a minha escrita. Tudo se constitui de maneira inusitada para minha escrita, sobretudo, pelo fato de não ter objetivos previamente definidos para a minha pesquisa, mas me deparando com a arte de encontrá-los ao passo que escrevia e quando os encontrei vi que minha intenção é de que os efeitos causados nos alguéns que lerem meu tecido sintam, minimamente, um conforto e um acolhimento, pois foi como me senti ao ler os textos que me impulsionaram a escrever. Ao desenrolar o fio da minha vivência durante minha formação em Psicologia, vou soltando timidamente o fio da construção da Géssica, a psicóloga de formação, as teorias pelas quais passei, as autoras(es) que tive o enorme prazer em conhecer nas leituras, nos estudos, a maneira como contribuíram para o meu conhecimento, as experiências acadêmicas que vivi. Trarei, por fim, minhas experiências vividas fora da Universidade, experiências com as mais diversas pessoas com as quais tive encontros e desencontros. As experiências práticas com as quais me deparei e trago comigo em minha trajetória no curso de Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas. Finalizo, com o que tenho a considerar e as minhas impressões atuais sobre todos estes meus processos, formando um novo.

Palavras-chave: Escrevivência; Mulher-negra; Destravamento; Acolhimento.

ABSTRACT

This writing was happening in a light and free way. I started writing about my childhood, writing about me. I developed my fabric. Maybe a messy fabric, but mine. Me! “What do you want to be when you grow up?”, I will walk a little through this speech, its meanings and effects in my construction. Little by little I've been intertwining my experiences, since my childhood, which have been gaining meaning(s) and/or remaking senses, going through my process of becoming a black, bisexual woman and as these processes, experiences deserved attention and were built in my trajectory. Next, I bring the foundation of the path I took in my writing, writing (EVARISTO, 2007). The writing method unlocked my writing. Everything constitutes an unusual way for my writing, mainly because I didn't have previously defined objectives for my research, but I came across the art of finding them while I was writing and when I found them I saw that my intention is that the effects caused on someone who reads my fabric to feel, minimally, a comfort and a welcome, because that was how I felt when reading the texts that motivated me to write. As I unroll the thread of my experience during my training in Psychology, I timidly release the thread of the construction of Gessica, the psychologist by training, the theories I went through, the author(s) I had the enormous pleasure to meet in the readings, in the studies, the way they contributed to my knowledge, the academic experiences I had. Finally, I will bring my experiences lived outside the University, experiences with the most diverse people with whom I had meetings and disagreements. The practical experiences I came across and bring with me in my trajectory in the Psychology course at the Federal University of Alagoas. I conclude, with what I have to consider and my current impressions about all these processes of mine, forming a skein.

Keywords: Writing; Black woman; Unlocking; Reception.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. <i>O que você quer ser quando crescer?</i>	13
3. Um fio de mim tecido por mim...	15
4. Os caminhos do fio da escrita...	21
5. A construção do meu fio/eu Psi	25
6. Desenrolando o novelo para fora dos muros da Universo Acadêmico	32
7. CONSIDERAÇÕES	35
REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

... o Super-eu da cultura, exatamente como o do indivíduo, institui severas exigências ideais, cujo não cumprimento é punido mediante “angústia de consciência”.

(FREUD, 2010, p. 75)

Não sei bem por onde começo, se pelo começo desconhecido, pelo meio no qual estou mergulhada ou pelo fim que nem chegou. Um sentimento de culpa acompanhado de angústia e mal-estar me tomam por não ter finalizado ainda meu curso, uma exigência pessoal, social, institucional. Mas por que não finalizei? Quais as causas que me travaram? Quais os acontecimentos que me atravessaram e me enrolaram? Onde foram parar o meu entusiasmo, o meu desejo tão desejado por mim e pela minha família de ‘pegar o canudo’, de finalizar meu curso e formar? As minhas exigências e cobranças comigo mesma?

As exigências culturais, sociais, de familiares, de amigas(os), da Universidade, e por estas, a exigência interna, recaem sobre mim como um peso, que só dificultou a minha caminhada, só se configurou como um dos motivos do meu travamento. Sinto-me fora dos padrões das pessoas que se formaram no *tempo correto/ideal* e o peso que está em mim aparece como medo, angústia, frustração por não ter atendido ainda às demandas culturais e institucionais.

Sinto-me angustiada em escrever sobre a minha formação no curso de Psicologia. Por quê? Porque não sei bem se escrevo certo. Porque não sei sobre o que escrever. Questiono-me a respeito deste Trabalho de Conclusão de Curso estar sendo escrito “livremente”, pois o que nos é apresentado enquanto ciência, na graduação, enquanto escrita científica é a que segue métodos rígidos com parâmetros a serem seguidos, como traz Serapioni (2000), haver um problema a ser pesquisado, se manter neutra(o) enquanto pesquisadora, objetivos pré-definidos, resultados úteis e consistentes a serem expostos a fim de serem refutados. A partir daí, vêm outros questionamentos, tais como: *Qual é o ‘problema’ a ser pesquisado por mim?, Quais serão os meus objetivos?, Quem*

será o meu público-alvo a ser pesquisado? Por que me atrasei para concluir meu curso? Em que momento me perdi? Por que a minha dificuldade em começar, continuar e finalizar meu TCC? Por que tem sido tão sofrido, duro, angustiante, dolorido, problemático para mim escrever? E sobre o que escrevo? E como escrevo? Por onde começo?

Hoje, nos primeiros meses de 2021, em meio a dias muito difíceis, a caos histórico-político-social-cultural, começo, finalmente, a escrever o meu trabalho de conclusão de curso, vejo o quão certo estava o sábio e resistente Charles Chaplin quando disse que *do caos nascem as estrelas*. As incertezas me tomam nesse momento, as incertezas que me atravessaram no processo da minha formação, o tema sobre este trabalho, o qual foi motivo de tanta angústia, de tanto sofrimento para ser escolhido, refletem as marcas que estão em mim pelas experiências vividas durante a minha vida como um todo, especialmente, na graduação. Minha escrita foi impulsionada fortemente pela dissertação de mestrado Territórios e Escrevivências do e sobre o corpo de mulheres negras, de Rosângela Jacinto Cabral (2020). Foi a partir de tal leitura que conheci Conceição Evaristo e conheci o método Escrevivência.

Encontro, agora, um conforto para escrever, direcionado pela metodologia da Escrevivência, o escre-viver sobre si proposto por Conceição Evaristo (2007). De acordo com ela, as histórias da escrevivência permitem também uma ficção, e mesmo as narrativas de fatos reais, nessa metodologia, passam a ser histórias inventadas: quem lê não tem como discernir o que verdadeiramente aconteceu e o que foi criado. Por isso, me senti segura para escrever sobre mim.

Segundo Cabral (2020), todas as histórias apontam para um conjunto de experiências possíveis. Desta forma, esta metodologia não é composta apenas pela vivência, mas por fatores outros que a compõem:

[...] aqueles três elementos formadores da escrevivência: corpo, condição e experiência. O primeiro elemento reporta à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. A representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. O segundo elemento, a condição, aponta para um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra. A experiência, por sua vez, funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e poder de persuasão à narrativa (OLIVEIRA, 2009, p. 622).

A sugestão, de contar o meu percurso na graduação em Psicologia, foi lançada por minha orientadora professora Dra. Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro, mais conhecida como Xili, na tentativa de ser mais leve e fluida para mim, pois apresentei uma dificuldade de concluir a minha formação, exatamente, por não conseguir dar continuidade ao Trabalho de Conclusão de Curso.

O TCC para mim foi algo que achei que não fosse conseguir realizar, insegurança esta que também encontrei no relato de Cabral (2020). Encontrei muita dificuldade em fazê-lo, me dava medo, angústia, quase um desespero de pensar em parar e escrever, pois tinha certeza que não ia conseguir. Eu não sabia de onde vinha aquele sentimento, mas percebi que esta insegurança pode ser mais compreendida quando Davis (2016) afirma que o corpo da mulher negra foi construído numa lógica dominante de propriedade que o considerava incapaz de progressos intelectuais.

Eu tinha medo de parar, pois parar e escrever era me concentrar em algo que foi um tanto doído para mim, desgastante físico e emocionalmente. Eu só via como possibilidade de pesquisa, a pesquisa quantitativa, com a qual eu havia tido contato, pois era a referência de pesquisa válida cientificamente que eu tinha aprendido tanto nas pesquisas de mestrado que eu colaborei durante minha graduação, quanto nos dois ciclos no Programa de Iniciação Científica que participei. Me dava medo, exaustão e até uma recusa em pensar em seguir os métodos das pesquisas quantitativas, dos bancos de dados, das noites em claro, analisando dados para elaborar resultados bem consistentes. Um modelo de pesquisa elaborado majoritariamente por homens brancos e que naquele momento, eu estava com tremenda dificuldade e exausta em ter me adequar a aquele modelo de pesquisa.

O processo de construção deste texto foi dolorido, mas foi também passou a ser muito interessante, percebi que fui escrevendo e me inscrevendo no decorrer do texto. Fui escrevendo o que “vinha na minha cabeça” por orientação em supervisão da minha orientadora. Percebi que não sabia muito bem por onde começar, e impressionantemente, tive a sensação de ter começado pelo meio (SILVEIRA; FERREIRA, 2013). Comecei escrevendo sobre meus questionamentos e angústia que me tomavam naquele momento, parecia que eu estava escrevendo um diário. Em seguida, ‘me contextualizei’ tendo

necessidade de afirmar a minha negritude em minha escrita, fato que nunca havia acontecido tão fortemente.

Não estabeleci previamente os meus objetivos, mas fui reconhecendo-os. Ao passo que ia vivendo e escrevendo ou escrevendo e vivendo, fui me deparando com algumas pretensões com relação a minha escrita. Fui percebendo que tinha vontade de que minha escrita causasse algum efeito em alguém. Mas que efeitos seriam esses? Quem seriam esses alguéns? Não sei.. Mas espero que os efeitos causados nesses alguéns sejam, minimamente, de conforto e acolhimento, pois foi como me senti ao ler os textos que me impulsionaram a escrever.

Essa escrita foi acontecendo de maneira leve e livre. Comecei escrevendo. Simplesmente escrevendo. Continuei minha escrita sobre minha infância, escrevendo sobre mim, sobre minha família, sobre minha constituição enquanto sujeito. As pessoas, os fatos que me atravessaram para que eu estivesse como e onde estou hoje. Meu trabalho foi tomando corpo, foi ganhando forma, foi ganhando a sua forma, e não se adequando em forma alguma. Fui desenvolvendo meu tecido. Talvez, um tecido um tanto confuso, mas meu. Eu!

“O que você quer ser quando crescer?”, passearei um pouco por esta fala, seus sentidos e efeitos em minha construção. Fala que fez parte da minha infância e me atravessou de tal maneira que hoje faz parte do meu tecido.

Aos poucos fui entrelaçando minhas vivências, desde minha infância, que foram ganhando sentido(s) e/ou refazendo sentidos, passando por meu processo de tornar-me uma mulher negra, bissexual e como esses processos, vivências mereciam atenção e foram se construindo em minha trajetória.

A seguir, trago a fundamentação do caminho pelo qual trilhei em minha escrita, a escrevivência, a forma de viver o que se escreve e escrever o que se vive (EVARISTO, 2016). O método da escrevivência destravou a minha escrita. Tudo se constitui de maneira inusitada para minha escrita, sobretudo, pelo fato de não ter objetivos previamente definidos para a minha pesquisa, mas me deparando com a arte de encontrá-los ao passo que escrevo.

Ao desenrolar o fio da minha vivência durante minha formação em Psicologia, vou soltando timidamente o fio da construção da Géssica, a psicóloga de formação, as teorias pelas quais passei, as autoras(es) que tive o enorme

prazer em conhecer nas leituras, nos estudos, a maneira como contribuíram para o meu conhecimento, as experiências acadêmicas que vivi.

Trarei, por fim, minhas experiências vividas fora da Universidade, estágios obrigatório e não obrigatório, experiências com as mais diversas pessoas com as quais tive encontros e desencontros. As experiências práticas com as quais me deparei e trago comigo em minha trajetória no curso de Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas.

Finalizo, com o que tenho a considerar e as minhas impressões atuais sobre todos estes meus processos, formando um novo.

2. O que você quer ser quando crescer?

Trarei recordações da minha infância, pois entendo que os fios começaram a ser tecidos desde ali, para entender por quais acontecimentos fui atravessada durante o meu desenvolvimento e que me levaram a entrar no curso de Psicologia. E comecei a ver que é possível trazer essas lembranças, inspirada pela leitura do 'Memorial Acadêmico, 2002', da minha orientadora.

Lembro-me que desde muito pequena, falava sempre em "ser médica". Brincava de ser médica com meu irmão, com minha mãe. Estava sempre preocupada com o adoecimento de parentes e amigas(os). Experimentei alguns acidentes da minha prima e do meu irmão e ficava encantada quando tudo era resolvido. Com o passar do tempo, este desejo em algum momento foi estacionado. Hoje, me deparo, em terapia, que foi a partir da fala de uma outra pessoa, por mim muito admirada a propósito, que tolhi este desejo, pois sua fala era: "você não vai conseguir ser médica. Desista! Tente outra coisa! Ser médica é coisa de rico!".

Passei muito tempo sem querer pensar no que eu ia "ser". Quando era abordada por pessoas que me solicitavam a dizer o que eu seria quando crescesse, a minha fala passou a ser "não sei, ainda estou pensando". Existe uma pressão social tão grande em você dizer *o que quer ser quando crescer*, que eu já estava ficando incomodada em responder, que não sabia o que eu seria. Decidi, então, pensar numa outra possibilidade de profissão, uma profissão que não fosse "só para rico".

Durante minha infância e adolescência sempre via meu pai lendo jornais, assistindo notícias na televisão e ouvindo notícias pelo rádio. Comecei, então, a desenvolver um gosto pela Comunicação e adotei o comportamento do meu pai. Lia jornais, assistia e ouvia notícias e também desenvolvi o gosto pela área. Passei então a pensar em ser Jornalista. Fazendo-me sentir melhor, por estar atendendo à solicitação das pessoas ao meu redor, ou seja, eu já tinha uma resposta para a pergunta “o que você quer ser quando crescer?”. Porém, quando falei que queria fazer Jornalismo, para a mesma pessoa a quem eu tinha falado anteriormente, que seria médica, ouvi o argumento “você não vai conseguir ser jornalista. Jornalismo aqui na cidade de Maceió não dá emprego, só por meio de conhecimento, como você não é de família conhecida, desista”. E eu desisti.

Fiz então o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) quando terminei o ensino médio, ano de 2011. Passei em Pedagogia na UFAL, porém não quis cursar porque não era o que eu queria. E, porque naquela época, eu estava residindo em Pernambuco e não quis ficar distante da minha mãe, meu pai e meu irmão. Prestei também, o vestibular tradicional na Universidade de Pernambuco – UPE, para o curso de Psicologia, porque achei bonito o nome, mas não sabia do que se tratava, que por sinal lá era classificado na área da saúde e fiquei na lista de espera.

E como estava muito angustiada por não saber o que fazer, fui pesquisar algum curso que “não fosse de rico e que desse emprego aqui em Maceió”. Fiz o teste vocacional na *internet* e vi que uma das opções era o curso de Psicologia. Fui então ler a respeito da Psicologia e foi assim que “decidi” optar pelo curso. Cursei um ano (2012) de pré-vestibular para realizar novamente a prova do Enem e já tinha a minha decisão pelo curso de Psicologia. Eu só não sabia quais seriam as palavras da pessoa que me referi no início a respeito do curso. Aquela pessoa a quem me referi no início, que admirava, foi o primeiro membro mais próximo da família a entrar na Universidade. Para a minha surpresa, a avaliação dele a respeito do curso foi positiva porque sua namorada, na época, estava fazendo Psicologia.

Hoje, compreendo que “pedi autorização” para cursar Psicologia. A propósito foi a mesma pessoa quem realizou a minha inscrição e me ligou para me dar a notícia de que eu havia sido aprovada, ou seja, não tive autonomia nem o direito de acompanhar o passo a passo do Enem, não senti a angústia que

minhas colegas falavam por acompanhar as oscilações de colocação, a variação de nota de corte, foi tudo me dado já pronto e decidido. Foi assim, nesse contexto, que me encontrei com o curso.

De alguma forma, no decorrer da graduação, comecei a encontrar motivos que me entusiassem a cursar Psicologia. A priori, pensei que minha formação contribuiria técnica, social e politicamente para minha família. Pensava numa contribuição em termos de atendimento propriamente dito, pois eu não sabia, ainda, que não é recomendado atender as pessoas da própria família, pois o código veda estabelecer relação que possa interferir negativamente nos objetivos do serviço prestado e é muito provável que tais relações se estabeleçam se atendermos alguém do nosso meio íntimo de afeto. (Código de Ética Profissional do Psicólogo, 2005, art. 2º linha j)

A posteriori, pensei na possibilidade de ensinar psicologia e que para isso, eu precisaria seguir a tão falada carreira acadêmica. E foi nesse viés que meu percurso na graduação se desenrolou.

3. Um fio de mim tecido por mim...

Sei que sou negra, me reconheço assim e me identifico com tal raça. Porém venho de uma família¹ negra que tem um movimento de branqueamento, de rejeição ao ser preto, que se configura como racista, machista, sexista, homofóbica, com o modelo militar e patriarcal imperando em várias experiências da minha infância. Não estou falando da minha família a fim de expô-la, mas para dizer que, infelizmente, a maioria das famílias brasileiras ainda se configuram assim, e para que seja compreendida minha contextualização familiar.

Minha infância desenrolou-se em muitos lugares, às vezes em periferias, às vezes em localidades mais privilegiadas. Minha família e eu mudamo-nos muito, porque morávamos de aluguel, então, nasci num bairro, vivi minha infância em outro, minha pré-adolescência em outro, minha adolescência em

¹ A Família a qual me refiro aqui não é apenas o meu núcleo familiar (mãe, pai e irmão), mas tios, tia, avô, avô, primos e primas. Pessoas com as quais eu convivi, pois todos esses moravam na casa dos meus avós e eu e minha mãe estávamos lá com frequência.

outro e desde então, estou vivendo minha juventude em outro. Onde será que estarei se eu chegar em minha velhice? E como estarei?

Não sei o que é viver *desde infância num só lugar, nascer e crescer num mesmo* lugar, não tenho um bairro para chamar de meu, tenho vários bairros meus em minha história. Não sei se isso foi bom ou ruim para mim, mas foi meu, minha história.

Uma fala carregada de sofrimento, dor, desalento, sem perspectiva, medo, incerteza me marcou muito quando ouvi, recentemente de várias moradoras dos bairros do Pinheiro, Mutange, Bom Parto aqui de Maceió, quando relatavam a devastadora experiência de terem que sair de suas casas, lugar no qual elas viviam desde a infância, por consequência do “desastre” geológico² provocado pela empresa Braskem na cidade, coloco desastre entre aspas pois não sei até que ponto foi um desastre.

Minhas escolas foram várias, cada série em uma escola. Então não tenho também uma escola para chamar de minha. Tenho várias escolas minhas em minha história. Estudei majoritariamente em escolas particulares, mas lembro de minha felicidade quando fui estudar na Escola Estadual Alberto Torres, onde estudei por apenas três anos, pois era uma escola na qual meu pai havia sido professor e diretor, minha mãe, minha tia e meus tios haviam estudado. Consegui então, ter ali naquele lugar, um sentimento de afeto, sentindo-me parte daquela escola, tendo orgulho por estar ali, procurando me segurar em uma “raíz”, querendo tê-la, pois de alguma forma havia uma tradição, uma continuidade, me sentindo confortável, pois naquela escola estadual também havia mais pessoas com a cor da pele com as quais eu conseguia me identificar, como não conseguia me sentir em outras escolas pelas quais, porque eu estava sempre tendo que conhecer a nova escola, as novas “tias”, novas

² Controlada pelos grupos Odebrecht e Petrobras, a Braskem é uma das petroquímicas mais inovadoras na reciclagem de plásticos. Fatura R\$ 52 bilhões por ano e tem oito mil empregados. Aceitou sua margem de lucro no Brasil, na última década, pagando subornos a líderes políticos para garantir matéria-prima a preços camaradas da acionista Petrobras. A capital de Alagoas afunda, segundo o serviço geológico federal, por causa do progressivo desmoronamento das minas de sal-gema da Braskem. A empresa atribui a catástrofe a um “fenômeno”, mas abandonou a extração de sal-gema. Agora tenta tampar suas 35 cavernas de 200 metros, cavadas por quatro décadas a 900 metros abaixo do solo urbano. A desestabilização do solo começou a ser percebida há dois anos, com efeitos visíveis em centenas de imóveis do Pinheiro, Mutange, Bebedouro e Bom Parto.

professoras(es), a nova turma, ou seja, fazer novos vínculos e todo ano eu me despedia dos anteriores.

Tenho a raiz de cabelo lisa, portanto, minha negritude é deslegitimada, por meus familiares e parentes. Vejo um estranhamento nas faces de algumas pessoas quando chego em alguns espaços e me declaro como negra. Estou em um processo para modificar em meu Registro de Nascimento a minha cor. Minha negritude era/é colocada em questão o tempo todo, pois existe um estereótipo até do ser negra e tudo o que estiver à margem é exceção, assim como mostra (Cabral, 2020), em seus relatos.

Minha capacidade de pensar, de agir, de resolver problemas, minha intelectualidade é colocada em questão o tempo todo. Nós, as mulheres da minha família somos colocadas sempre numa posição do sexo frágil e vulnerável, que precisa de cuidados, proteção e um provedor e, portanto, ficar em casa e ser do lar. Sou a primeira mulher da minha família a ingressar no ensino superior, me declarar como negra e me afirmar também como bissexual.

Eu nunca soube, nem entendia, mas hoje sei o quão confortável era ouvir da minha família que eu era “branquela”, porque sim, é mais confortável ser branca do que ser negra, mas no meu íntimo eu não me reconhecia tanto com as cores e raças que estavam me enquadrando. Não conseguia ver o meu nariz afilado, nem o meu cabelo completamente liso, como eu via em pessoas de fato brancas, mas também não me reconhecia na raça negra, pois meu cabelo não é crespo e minha pele não é preta, e eu nunca havia passado por perrengues extremos na vida, nem nunca morei durante toda a minha vida em periferia e hoje eu e minha família estamos em um nível de classe social mais favorecida por causa da tão famigerada mobilidade social. Quando digo que também não me enquadrava na raça negra é porque existe um estereótipo dentro do grupo das pessoas negras, estereótipo esse que existe com relação a classe social, a sofrimentos, a privilégios, como conseguimos visualizar em um dos relatos de Cabral (2020) quando ela retrata a deslegitimação de sua negritude por uma mulher negra em situação de vulnerabilidade, pelo fato de a autora estar numa posição social privilegiada.

Foi na Universidade, que começaram a me ver negra, me instigavam a falar sobre com qual raça eu me identificava, para ser mais específica, na época, minha colega de turma Larissa Lima, chegando a me perguntar se eu queria participar de um grupo de negras e negros da UFAL, eu aceitei, me inseriram nele intitulado “Pretinh@s PSICO UFAL”, grupo criado por esta minha colega, a partir da iniciativa em conjunto com outras pessoas. Aquilo mexeu comigo de uma forma inexplicável, pois ia de encontro a tudo o que sempre ouvi da minha família e vi ali que de alguma forma, ser vista como negra me incomodou, de fato. Fui então, olhar as características das(os) participantes do grupo e eu me vi em todas(os) elas: me vi em cada cabelo; em cada nariz; em cada lábio grosso; em cada tons de pele; vi pessoas mais claras outras mais escura e; me vi ali, me vi pertencente àquele grupo. Desde aquele momento, começou meu processo de autoreconhecimento e autoafirmação de ser negra. Tomar esse lugar que sempre foi meu, mas que não era reconhecido por mim. O Processo de Tornar-me Negra (SOUZA, 1983).

Comecei a ocupar os espaços pelos quais eu passava assumindo este lugar. Confesso que ainda é novo para mim, mas que já começo a sentir a coerência, o pertencimento, o reconhecimento, mas também as dificuldades, o sofrimento, que a negritude carrega. Assumindo a minha negritude, comecei o processo de retirar as luzes do meu cabelo, pois eu entendi que aquilo, talvez, fosse uma tentativa de embranquecimento, como muito bem traz Frantz Fanon (2008), em seu livro - “Peles negras, máscaras brancas”, comecei ainda um processo de resistência por não ser levada a sério no meu seio familiar e até por algumas colegas de vida.

Quando você toma este lugar, a impressão é de que os seus sentidos são aguçados, a sua percepção fica mais apurada, você fica mais sensível quanto a situações de preconceito, racismo, discriminação. Passei a perceber que ser negra na Universidade era em certa medida mais cômodo em comparação a outros espaços, uma vez que lá existem discussões sobre raça, existe acolhimento, existe afirmação, existe apoio, existem grupos.

Recentemente, vivenciei a seguinte situação: estava com minha companheira³, na época, em seu carro, na parte baixa da cidade, bairro da Jatiúca, havíamos saído para comprar um ingrediente às pressas pois estávamos cozinhando e faltava um ingrediente para o prato, eu estava de roupa de casa e com um coque no cabelo, eu estava no banco carona enquanto ela dirigia e uma mulher negra, moradora de rua, chegou junto do carro e perguntou o que eu era dela com a seguinte frase: “ela é sua empregada?” E quando respondemos que não, ela insistiu: “então, é filha?”.

É interessante, que em alguns espaços, sua negritude é deslegitimada, você não é negra suficiente porque não é pobre ou porque tem uma formação, ao passo que na presença de uma pessoa branca, a depender de como você se apresente esteticamente, o mais óbvio que você seja é a empregada dela.

Aquela situação foi extremamente constrangedora para mim, para nós, me incomodou de uma forma, que eu não consegui descrever, apenas sentir. Senti um incômodo, um desconforto, vergonha e acho que o que mais fez doer foi ter sido atingida por outra mulher negra. Senti necessidade de conversar com minha companheira sobre aquilo. Conversamos sobre como o racismo está impregnado na sociedade, em como está introjetado na estrutura dos sujeitos, o quanto é determinante, tanto que, pessoas negras reproduzem práticas racistas. Conversamos sobre como eu preciso me arrumar, por ser negra, para ir ao supermercado, em como não se tem o direito de ir despojada, com o cabelo com um coque, senão as pessoas já te olham torto ou te veem como a empregada da pessoa branca. Conversamos sobre o fato de meninos negros não poderem correr próximo da polícia, não poderem fazer movimentos bruscos, por sempre andar arrumado, dentre outras coisas, como podemos ver também a ficção retratando esta realidade tão cruel, na série *Grey's Anatomy* (14ª Temporada; Episódio 10) da plataforma Netflix, nas orientações em que a personagem Miranda Bailey e seu marido Ben Warren dão a seu filho Tucker por ele ser negro, de pois eles querem ver seu filho crescer.

³ A primeira mulher que decidi assumir para todas e todos ao meu redor e também nas redes sociais. A conheci no término do meu estágio obrigatório. Nos relacionamos de maneira ética e discreta. E que não interferiu em minha finalização no campo.

Tenho cabelo cacheado de textura fina que apesar de raiz um pouco lisa, quando seco é um tanto quanto cheio. Posso relatar aqui ainda, uma outra experiência doída na minha pele, que foi durante a época do meu estágio... Uma psicóloga não fez questão de esconder sua surpresa pelo fato do meu “cabelo cacheado ser cheiroso”. Fiquei refletindo sobre aquela situação, senti-me constrangida pelo espanto dela, quando sentiu o cheiro do meu cabelo: “Nossa! Não imaginava que o cabelo dela fosse tão cheiroso!”. Pela forma como ela falou, a pressuposição que ela havia feito era de que meu cabelo era fedido, e não tenho dúvidas de que foi pelo fato dela ter visto meu cabelo cacheado e cheio. Então, passamos a ficar mais sensíveis para estas formas de preconceito, racismo, discriminação sutis, nos mínimos detalhes.

A letra da música ‘por você ser preto você precisa ser duas vezes melhor’ de Racionais, MC’s, infelizmente é a nossa realidade atual e é sobre isso que precisamos discutir diariamente. Você precisa se vestir melhor, você precisa ser o melhor. Você precisa provar determinadas coisas, por exemplo, que não é bandido, que não está furtando nada em uma loja, que não é a empregada, que é a melhor da turma, você precisa sempre provar e mostrar, porque nunca é visto nem pressuposto, porque os lugares das pessoas negras já estão reservados, por isso precisamos o tempo inteiro resistir a esses lugares que insistem impor a nós.

Houve, ainda, o falecimento do meu tio, o que mais apostava em mim, o ser humano inexplicável, o cara que mais fazia expectativas para que eu me formasse, e este acontecimento também me bloqueou em meu processo de formação, estou finalmente me formando e hoje, ele não está aqui neste plano físico. Não consigo ainda entrar em tantos detalhes ou continuar minha escrita sobre isso. Que ele esteja em um bom lugar e sei que está.

Após as minhas sessões de terapia, eu decidi, finalmente, estudar novamente e entrar no pré-vestibular para realizar o próximo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e tentar cursar medicina.

E, não foi diferente, deparei-me no pré-vestibular com falas racistas, preconceituosas, práticas excludentes e fontes de sofrimento. Estávamos, duas colegas da turma, de pele branca e eu, sentadas na sala, quando um professor

negro nos abordou perguntando qual seria o curso que queríamos. Nós três respondemos que era medicina e ele, sem pensar duas vezes, falou se referindo às duas que “tinham caras de médicas”. Naquele momento, pareceu que passou um filme em minha cabeça, mas dessa vez, apesar de ainda doer, não me fez parar e eu continuo seguindo em frente.

Durante meu percurso na graduação, tive um relacionamento amoroso com um grande amigo de turma, até então, tudo fluía de maneira “normal” e “natural”, minha família lidou muito bem com mais um relacionamento meu heteronormativo. No entanto, “houve uma pedra no meio do caminho” como disse Carlos Drummond de Andrade, para minha família uma pedra, para mim, um começo de novas descobertas e de libertação, mas que a partir da reação da minha família, se tornou uma das pedras do meu percurso na graduação. Em meu estágio obrigatório conheci a pessoa a quem me referi anteriormente, uma mulher, com a qual me relacionei. Vejo hoje, que o processo pelo qual tive que enfrentar mais uma vez, era muito dolorido para mim e eu não tive forças físicas nem emocionais para conseguir lidar da melhor maneira, foi duro e pesado, foi sombrio, foi frio pois eu me via sozinha perante a minha família, sofrendo chantagens emocionais para que eu deixasse de ser quem eu sou, foi adoecedor, e este acontecimento também me travou na conclusão do meu curso.

Em seguida, também perdi minha cachorrinha Abigail, minha companheira de todas as horas, de maneira inesperada e súbita. O que me deixou ainda mais debilitada emocionalmente. Mas eu segui, tenho conseguido seguir...

Hoje, eu sou mulher, bissexual, negra de pele clara!

4. Os caminhos do fio da escrita...

Percebi que estava com muita dificuldade para me adequar às formas prontas de fazer pesquisa. Estava travada, os nós estavam difíceis de serem desatados. Meu processo de formação foi quase todo voltado para os moldes quantitativos de fazer pesquisa e eu não estava mais me encontrando. Muitas vezes pensei que não fosse capaz de concluir o curso de psicologia, que eu fracassaria, eu via todas(os) as(os) colegas de turma se formando, colegas de

curso, inclusive, pessoas mais novas do que eu academicamente falando, finalizando seus ciclos e seguindo suas trajetórias, pessoas das quais fui monitora, inclusive.

O sentimento de trava, de não saber para onde ir, era enorme. De estar perdida e toda amarrada em algo, que eu não sabia o que era. Mas eu sabia que não era apenas na graduação. A graduação era apenas um reflexo de todos os conflitos pelos quais eu estava passando. Talvez, tivessem sido os que relatei anteriormente, talvez! Eu me sentia um objeto fora de uso, termo utilizado por Jesus (1960).

Talvez, fosse esse o sentimento de um negro escravo quando ele era “liberto”, mas ainda estava preso. Sem saber o que fazer, para onde ir, o que pensar, olhando para a senzala e pensando que talvez fosse mais cômodo estar ali, apesar de tudo. Com medo da vida nova. Com medo do que lhe esperaria. Do que lhe esperava mais à frente. O negro é liberto querendo se embranquecer (Fanon, 2008), ou seja, tentando uma adequação social, eu procurava me adequar, mas eu não conseguia. Para que seja reconhecido, tenta-se minimizar ao máximo as características negras, pondo máscaras em si mesmo,

neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os “outras/os”: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (KILOMBA, 2019, p. 33).

Vê-se constantemente as alunas e alunos se adequando aos métodos de pesquisa estabelecidos na Universidade. Tomando apenas o que nos é dado como verdade, como única possibilidade de pesquisa.

De acordo com o dicionário etimológico, a palavra ‘texto’ vem do latim vem do latim *texere* (construir, tecer), cujo particípio passado *textus* também era usado como substantivo, e significava 'maneira de tecer', ou 'coisa tecida', e ainda mais tarde, 'estrutura'. De acordo com Silveira e Ferreira (2013), o texto pode ser pensado aqui como uma espécie de corporificação do sujeito. Era isso que eu não tinha um corpo, eu não tinha ainda um corpo definido. Eu precisava lidar com todos os acontecimentos em minha história para que finalmente eu pudesse corporificar. Era novo para mim a minha raça, a minha sexualidade, a

minha configuração familiar sem meu tio e sem minha cachorrinha, a nova metodologia a ser seguida.

Segundo Evaristo (2007), dentro da proposta metodológica e inovadora a qual estou me aproximando, a Escrivivência, emerge como um ato de insubordinação à ordem eurocêntrica da cientificidade e uma autoafirmação da mulher negra. Cabral reafirma que é:

Uma escrita de corpo e memórias de uma condição, uma experiência do ser negra no Brasil. É uma escrita que se compromete com a vida em um ato de descolonização, visto que quem escreve faz oposição aos modos tradicionais da escrita e da ciência, valorizando o cotidiano e a narrativa como ferramentas válidas de conhecimento. (CABRAL, 2020)

Nunca tinha ouvido falar no método de pesquisa Escrivivência proposto por Conceição Evaristo, mulher negra. Será que porque ela é negra e seu conhecimento é subalterno? Ou porque se refere a um método que foge aos padrões estabelecidos? Ou pelos dois motivos?

Mas comecei a desatar os primeiros nós. Comecei a encontrar conforto nas leituras que fazia com a metodologia da Escrivivência (EVARISTO, 2007).

A Escrivivência é um recurso de emancipação (MELO E GODOY, 2017). A escrita fluiu. Eu comecei a me emancipar, apesar de difícil se emancipar, pois de acordo com Souza (1983), uma das formas de exercer sua autonomia é ter, antes de tudo, um discurso sobre si mesmo e demanda tempo e esforço dia após dia para construir tal discurso. Eu estava construindo meu novo corpo e estava dando um sentido para ele e aí foram se desenrolando os seus nós e junto com eles o seu discurso.

Mas, vez ou outra, ainda sentia a necessidade do quantitativo. Pegava-me preocupada se minha pesquisa estava correta, se estava com os objetivos possíveis a serem alcançados, com resultados pertinentes, se tinha relevância social.

Remenche e Sippel (2019) trazem o método da escrevivência como acontecimento que perturba a regularidade da memória social da população negra no Brasil.

Junto a isso, encontrei a perturbação quando Souza (1983) em seu estudo “elaborou um gênero de conhecimento que viabilizou a construção de um discurso do negro sobre o negro” com foco na emocionalidade, e para atingir

este objetivo ela se valeu de “um olhar que se voltou em direção à experiência de ser-se negro numa sociedade branca”. E fez assim uma reflexão “sobre a experiência emocional do negro que responde positivamente ao apelo da ascensão social”.

Através da escrevivência, a voz é ouvida, construindo com essa escrita estratégias de reversão do estereótipo social que lhe foi atribuído. (SOARES & MACHADO, 2017).

Sinto-me escrevendo um diário de campo (MEDRADO; SPINK; MELLO 2014). Deparo-me com uma forma de escrita que não é neutra, escrevo em primeira pessoa. Deparo-me com as marcas que as experiências pelas quais passei me deixaram, ou seja, vejo que este texto está transbordando de afeto, pois é o meu tecido. Sinto-me desabafando, porém com a garantia e segurança, em supervisão, que minha escrita estaria sendo monitorada todo o tempo para que eu não me expusesse nem expusesse qualquer indivíduo de maneira indelicada ou até anti-ética e respeitando meus limites e minhas experiências. E me sinto segura ainda pois como apontam Silveira e Ferreira (2013), sobre o texto ser construído-forjado, a escrita é uma máscara forjada, nova, não das que existem prontas. Porque escrever tem também um quê de inventar e reinventar. Escrever é se tratar e se inventar.

De acordo com a própria Evaristo (2017), as histórias da escrevivência permitem também uma ficção, e mesmo as narrativas de fatos reais, nessa metodologia, passam a ser histórias inventadas: quem lê não tem como discernir o que verdadeiramente aconteceu e o que foi criado.

Segundo Moraes e Tsallis (2016), na ciência todo olhar é situado, tecido a partir de conexões e mediações que fazem certos mundos visíveis e deixam outros na sombra, ou seja, só é possível conhecer a partir de um lugar. Desta forma, a escrita se configura como autorrepresentativa (ARAÚJO, 2017). Ao repetir uma história já não somos mais os mesmos (SILVEIRA E FERREIRA, 2013). E ainda pego-me preocupada se há referência suficiente para embasar o meu trabalho. É como se eu estivesse em um processo de desintoxicação metodológica. Mas continuo seguindo com os fios...

5. A construção do meu fio/eu Psi

Para situar o percurso que trilhei, rememoro o começo do meu curso de Psicologia da UFAL, iniciado no segundo semestre do ano de 2013, quando no primeiro período, foi nos apresentado, dentre outras, a disciplina “Psicologia e Neurociência I”, que foi ministrada pelo professor Dr. Raner Miguel Ferreira Póvoa. Eu fiquei surpresa naquele momento, pois uma vez que o curso está inserido na área de Humanas, não imaginava que encontraria essa base biológica e que também não era bem aceita, pela maioria dos meus colegas de turma.

O aspecto biológico da disciplina aproximava-me da Medicina, mas só percebo isso agora, pois naquela época, era apenas uma disciplina que me instigava, por ser avaliada como a disciplina mais difícil do semestre. Eu gostava muito, sentia-me entusiasmada para estudar, destacava-me nas aulas, sentia muita afinidade com a perspectiva e proposta da matéria e finalizei o período com média 9,0, ao passo que houve um número expressivo de reprovação na turma. Via-se cumprir o que as/os estudantes do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso, na época, haviam dito “uma matéria desnecessária e que reprova muita gente... é a pior matéria do período”.

Considero como de suma importância, uma(um) psicóloga(o) conhecer minimamente o funcionamento do ser humano em termos biológicos e entender, basicamente, como funcionam medicações psiquiátricas, uma vez que elas atuam nos processos mentais e podem causar determinados comportamentos nos indivíduos. Além dos aspectos socioculturais, definidos como uma das ênfases do curso, é também preconizada a integralidade na atuação do psicólogo, no projeto político pedagógico, bem como, construir um profissional atento à constituição e estruturação do sujeito psíquico, seus padecimentos e meios de conquista da saúde. (Instituto de Psicologia – Plano Pedagógico)

Em seguida, decidi aproximar-me ainda mais, daquele campo de estudos, a partir de um convite do então professor, para ser monitora da disciplina Psicologia e Neurociência. Tornei-me monitora bolsista, logo no segundo período da minha graduação, que por sinal foi comentado que eu havia sido a primeira monitora do menor período da graduação. E, com o intuito de fazer meu

currículo excelente para a pós-graduação, passei dois anos, durante 4 (quatro) semestres consecutivos, exercendo a função de monitora daquela disciplina, sob a orientação do professor Raner.

Enquanto eu cursava o terceiro período do curso e estava exercendo a função de monitora da disciplina, fui incentivada, pelo monitor da disciplina de Psicologia e Neurociência II, a me inscrever no XV Curso de Verão em Psicobiologia do Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP/EPM. Realizei todos os trâmites para a inscrição e me inscrevi. As escolhidas(os) seriam selecionadas(os) por análise curricular acadêmica, estudantes de todo o Brasil, e para a minha surpresa, fiquei em quinto lugar na seleção, porém só existiam 3 vagas para o curso. Fiquei muito feliz porque percebi que o caminho que eu estava trilhando estava correto, pois eu apenas no terceiro período tinha currículo suficiente a ponto de ficar em quinto lugar na seleção de um curso bastante concorrido do país, no ramo da Neurociência.

Durante todo o período de monitoria, participei do Grupo de Pesquisa em Neurociência e Neuropsicologia – GpeNN, no qual realizei coletas de dados e/ou participei de discussões de algumas pesquisas de mestrandas(os), na época, orientadas(os) também pelo mesmo professor. Tais pesquisas basearam-se em métodos quantitativos, pesquisas com rigor metodológico, que hoje consigo avaliar que tais métodos contribuíram para travarem a minha escrita. Lembro da minha angústia quando me deparei com os métodos quantitativos extremamente rígidos sem margem para erro. Senti medo em pesquisar, medo de errar de não conseguir dar conta daquela coisa monstruosa chamada pesquisa. Considero que minha imaturidade, pois ainda estava no segundo período da graduação, tenha influenciado muito para todo o meu medo e angústia.

Logo de início, tive um treinamento para aprender a manusear um programa chamado SPSS (*Statistical Package for the Social Science*). Um software aplicativo do tipo científico e analítico utilizado por pesquisadoras(es) para analisar dados complexos de pesquisa, análises estatísticas granulares. Foi utilizado como apoio referencial e operacional ‘Estatística sem matemática: para psicologia usando SPSS para Windows’ de Dancey e Reidy (2006).

Entre os temas estudados, colaborei na pesquisa, intitulado as Alterações nas Funções Executivas, Impulsividade e Agressividade em indivíduos

dependentes de *crack*, referente à dissertação de mestrado de Vanina Papini Góes Teixeira (2014). Essa pesquisa teve o objetivo de avaliar a existência de déficits nas funções executivas, tanto em usuários crônicos de *crack*, como também em ex-usuários após um período mínimo de sessenta dias de abstinência. Teve ainda como objetivo, identificar os níveis de impulsividade e agressividade nos indivíduos que fizeram uso de *crack*. É um estudo quantitativo, de natureza quase-experimental, que se utilizou da aplicação de alguns testes Neuropsicológicos.

Era uma mistura de sentimentos, pois existia todo um entusiasmo por estar aplicando testes psicológicos, mas ao mesmo tempo me deparava, logo no segundo período, com um tema que mexia comigo de tal forma, que via um ente muito querido nos usuários, com os quais eu estava realizando a coleta de dados, aplicando os testes psicológicos. Quando tive acesso à pesquisa finalizada, fiquei feliz em ter contribuído de certa forma para aquela pesquisa, ao passo que eu achava muito determinante e que não condizia com a realidade a qual eu vivia com a pessoa próxima, pois ele não era agressivo, ele não apresentava déficits em suas funções executivas, bem como, não apresentava qualquer tipo de alteração no quesito tomada de decisão, como afirma a pesquisa.

Além disso, eu estava estudando simultaneamente a disciplina de Ética Profissional e surgia a questão de eu estar aplicando testes psicológicos, os quais eu nem sabia para onde iam. E, que eu tive que estudar sozinha a respeito logo no segundo período, quando na graduação só estava prevista a disciplina introdutória de Processos de Avaliação Psicológica I, dois períodos mais tarde. Ainda assim, apliquei os testes, coletei os dados da pesquisa e realizei as tarefas a mim confiadas.

Um outro trabalho, em que também participei da coleta de dados junto com colegas do curso, intitulado Análise da Correlação Neuropsicológica entre as Funções Executivas, a Impulsividade e a Ansiedade em pré-vestibulandos, foi a dissertação de autoria de Alysson Cavalcante dos Santos, 2016. É resultado de um estudo quase-experimental, que teve como objetivo, avaliar a associação entre as funções executivas, impulsividade e ansiedade em pré-vestibulandos e como esses fatores influenciam no desempenho desses alunos, considerando a Neuropsicologia como um processo fundamental nessa avaliação.

Lembro-me de ter sido um tanto estranho e ao mesmo tempo incrível para mim estar aplicando testes psicológicos em pessoas mais ou menos da minha faixa etária, que, apesar de já estar na Universidade, eu ainda me via como a pré-vestibulanda que eu era há pouco tempo. Dentro da Universidade é vivido um conflito o tempo todo, pois você sente na pele a transição acontecendo e como qualquer transição é caracterizada por marcas de imprevisibilidade e stress, como afirmam Sousa e Gonçalves (2016), porque implica abandonar uma zona de conforto/adaptação para algo novo. Você começa a sentir a responsabilidade, você começa a se ver em lugares de fala antes nunca imagináveis. Você se sente caída em um mundo antes desconhecido.

Particpei de momentos de discussão da pesquisa de mestrado intitulada O Estudo Comparativo do Desempenho na Realização de Tarefa Dupla entre Idosos Saudáveis e Idosos com Doença de Alzheimer, da Cristiane Muritiba da Fonsêca, publicada no ano de 2016, que teve como objetivo investigar se havia comprometimento no desempenho da tarefa dupla, em idosos com Doença de Alzheimer em estágio inicial, nessa população estudada. Tratou-se de um estudo caso-controle, transversal, observacional e descritivo. Senti a responsabilidade e compromisso que a Cristiane tinha com sua pesquisa, ela defendia com unhas e dentes e era inspirador para mim ver seu comprometimento e organização. Sua pesquisa ficou impecável, pois ela seguiu à risca todos os passos que a pesquisa quantitativa a direcionava. Lembro-me, inclusive, que por causa do seu comprometimento e zelo por sua pesquisa, ela preferiu que só as(os) alunas(os) de períodos mais adiantados fizessem parte de sua coleta de dados, o que julguei sensato da sua parte, apesar de eu ter querido muito fazer parte da coleta de dados da pesquisa, pois eu tinha cada vez mais certeza que eu ainda não era capacitada para aplicar testes psicológicos.

Assisti, por orientação do professor Raner de que seria uma experiência importante para a minha formação, uma vez que eu expressava o desejo de seguir a carreira acadêmica, a qualificação da pesquisa da Jessyca Brennand de Paula sob o título Relações entre Funções Executivas, Traços de Personalidade e o Cometimento de Infrações e Acidentes de Trânsito por Condutores de Automóveis, publicada em 2018, pesquisa quantitativa a qual o objetivo foi de investigar relações entre funções executivas - FE (memória de trabalho, atenção, tomada de decisão, planejamento, controle inibitório), traços

de personalidade (agressividade, impulsividade, antissocial) e o cometimento de infrações e acidentes de trânsito por condutores.

Essas experiências me agregaram conhecimento, desde perceber a importância da Neurociência na vida do sujeito, para entender processos neurológicos, bem como a importância para a Psicologia, até a aprender como aplicar testes psicológicos.

Eu me vi, naquele momento, impressionada e entusiasmada com a proposta que é trazida pelo teste psicológico de mensurar a atenção, a memória, prever o comportamento. Hoje, porém, quando considero que essas mensurações e predições estabelecem algo ou determinam como o sujeito será visto dali em diante, tendo a pretensão de dizer sobre o outro, levando em conta apenas o dia no qual a pessoa se submete ao teste, por exemplo, sem considerar outros aspectos que estão envolvidos na vida daquele sujeito, torna-se passível de questionamentos. Entre eles, sobre se de fato aquela mensuração, de um momento, é capaz de determinar traços de personalidade de um sujeito e relacionar com acidentes ocorridos ou infrações cometidas, de dizer que indivíduos que fazem ou fizeram uso de *crack* é mais ou menos agressivo e impulsivo do que indivíduos que nunca fizeram uso. É interessante me perceber hoje, enquanto escrevo este trabalho, pois me vejo num outro lugar, numa outra perspectiva. É interessante como me sinto hoje e me encho de alívio quando entendo que nada é predito, que nada é minuciosamente controlado. Como as coisas são fluidas.

Os sentidos de tudo foram mudando. As coisas são fluidas. Mudam! A importância do teste psicológico para mim na época era uma, e hoje, tomou outro sentido. Final do ano passado, precisei ser submetida a alguns testes psicológicos para a Renovação da minha Carteira Nacional de Habilitação. Foram realizados anamnese com a psicóloga e Testes Psicológicos de Atenção, respectivamente. Tal situação passou a me incomodar em alguma medida, quando me vi pensando que era muito mais um ‘teste de obediência’ e não de habilidades para dirigir ou não. A psicologia em alguns espaços tem sido determinista, excludente, estigmatizante, diagnosticadora.

Em seguida, fui integrante, durante dois ciclos também consecutivos, primeiro como colaboradora depois como bolsista do Programa Institucional de

Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) com os respectivos temas de pesquisa: “Teoria da Ação Planejada-TAP: Aplicabilidade e Eficácia” (2016-2017) que teve como objetivo descrever de que forma a TAP vinha sendo utilizada como suporte teórico e metodológico no estudo e predição do comportamento; e “Comportamentos de intolerância no *Facebook*: um estudo sob a perspectiva da teoria da ação planejada” (2017-2018) que pretendeu analisar os diferentes comportamentos de intolerância publicados no *Facebook*, visando destacar os mais frequentes e os preditores correlatos, na perspectiva da TAP. Essas pesquisas estavam vinculadas ao Grupo de Pesquisa em Cognição e Comportamento Social, sob orientação da professora Dra. Sheyla Christine Santos Fernandes.

Fui convidada pela professora para participar, junto com colegas de PIBIC, da publicação de um artigo científico publicado no ano de 2019, intitulado “Teoria da Ação Planejada como suporte teórico e metodológico: uma revisão sistemática da literatura” derivado do primeiro ciclo de PIBIC, do qual participei. O artigo buscou identificar quais áreas de conhecimento vinham utilizando a TAP, analisar os diferentes tipos de comportamento em que vinha sendo utilizada e investigar as intervenções elaboradas.

Nesse momento, eu estava passeando pela área da pesquisa articulada entre teoria e prática, como possibilita o curso, realizando investigação científica crítica e produzindo conhecimento, capaz de questionar e promover transformações sociais, bem como o desenvolvimento de sua própria área de saber.

Foi nesse grupo que comecei a discutir temas raciais de maneira mais intensa, pois era o tema do PIBIC do ciclo anterior a minha entrada, intitulado de Julgamento Moral, Relações Raciais e Empatia, em crianças de 7 a 12 anos de idade, que buscou analisar as relações estabelecidas entre o julgamento moral, a identidade racial, o racismo e a empatia entre crianças.

A tese de doutorado de Fernandes (2011) nos apresentava um viés analítico das crenças sobre negros e sobre as relações raciais, tocando em pontos como pertença regional, cor da pele, de gênero, e eu comecei a entender melhor a partir da leitura desta tese sobre a sutileza do racismo. Porém, eu já

sentia falta das narrativas, das falas das pessoas entrevistadas, em como aquelas pessoas se sentiam sofrendo ou sendo racistas.

Tive contato ainda com a dissertação de Chaves (2016) que teve como objetivo analisar a Intenção Comportamental masculina de procurar a Unidade Básica de Saúde, tomando como referencial teórico o modelo da Teoria do Comportamento Planejado (TCP); de Gomes (2018), que buscou compreender como se dá o processo decisório de manutenção/desistência do relacionamento abusivo, com base na Teoria da Ação Planejada, além de elaborar um instrumento sobre a Intenção Comportamental feminina de permanecer em um relacionamento abusivo; a de Santos Junior (2018), com o objetivo de discutir, através de uma revisão teórica, as interfaces entre a Teoria da Ação Planejada e o uso do *facebook*, bem como a contribuição que a teoria pode dar para a compreensão deste fenômeno, compreender as crenças referentes ao uso do *facebook* à luz da Teoria e identificar os fatores que influenciam as intenções comportamentais de utilizar o *facebook* tomando como base os preceitos da Teoria, e, acompanhei, ainda, um tanto da discussão da pesquisa de Sobral (2019), tendo como objetivo realizar uma revisão sistemática sobre os estudos da psicologia brasileira acerca da orientação profissional; identificar as crenças acerca da intenção de cursar o ensino superior com base na TAP e analisar as crenças acerca da intenção de cursar o ensino superior a partir da TAP, com base na identificação dessas crenças e na elaboração e validação de um instrumento capaz de avaliá-las.

Acompanhei o processo de construção, em discussões e análises de dados todas estas dissertações que estudaram Comportamentos à luz da Teoria da Ação Planejada.

Apresentei trabalhos derivados do PIBIC em outras universidades, UFPB (Universidade Federal da Paraíba), por exemplo. Procurei o grupo, pois era o que me apetecia estudar. Aprendi a pesquisar com métodos quantitativos, a seguir métodos à risca, a coletar dados, a analisar dados estatisticamente. Estas experiências, talvez tenham influenciado em certa medida, a minha necessidade de imprimir características quantitativas, conforme eu ia escrevendo este meu trabalho de conclusão de curso. Experiências com as quais agreguei conhecimento.

Percebo que não trago aqui as minhas experiências de atendimentos, que foram várias, mas não trago tanto. Aprendi a ser pesquisadora da psicologia a ser psicóloga pesquisadora. Percebo que não trago tanto sobre a Psicologia, mas sobre as pesquisas em psicologia. O meu eu/fio psi se desenrolou no viés da pesquisa. Desenrolou-se para escrever, para a carreira acadêmica. O tipo de atendimento que uma pesquisadora realiza é pela leitura. A leitura de outrem do seu texto. Quando escrevemos e publicamos algo, outras pessoas lerão, outras pessoas se afetarão e vejo que podemos pensar que é um atendimento, pois eu me senti atendida, acolhida psicologicamente quando li sobre escritoras negras, sobre suas dificuldades, quando elas compartilharam comigo suas angústias e eu vi que eu não estava sozinha.

Alguns outros questionamentos me surgem, por exemplo, o fato de eu não ter objetivos, que a pesquisa busca alcançar, previamente definidos, como exige a proposta da pesquisa de caráter quantitativo. É realmente, uma desintoxicação metodológica.

6. Desenrolando o novelo para fora dos muros da Universo Acadêmico

Realizei o início das Práticas Integrativas I, no 5º período do curso, com experiências que marcaram a minha formação, na Casa de Saúde Miguel Couto. Esta “casa” de “saúde” está localizada no antigo bairro de Bebedouro, antigo porque o bairro hoje é um bairro fantasma por causa do tão famigerado desastre da Braskem. Cito os termos entre aspas, porque entendo que a instituição se configura nos moldes de um hospital psiquiátrico e que pela minha experiência e não só por ela, é identificada como uma instituição que tira a autonomia dos sujeitos, que os institucionaliza, uma instituição que não é casa (lar) e que não produz saúde, mas doença.

Fiquei horrorizada com a forma com a qual todas aquelas pessoas eram tratadas, que aliás, não pareciam pessoas, pois minha primeira impressão foi como se eu tivesse vendo animais irracionais numa espécie de exposição, de zoológico, um zoológico humano.

Quando fui realizar a visita nesta instituição, a naturalidade como a Psicóloga de referência do local nos mostrava as ‘jaulas’ nas quais aqueles sujeitos estavam presas(os) era apavorante, e dizia a patologia que as(os)

acometia. Falta de cuidado, negligência, processos institucionalizadores e adoecedores. Aquelas pessoas quando me viam, agiam como se tivessem vendo uma luz no fim do túnel, vinham pedir para que eu as tirasse dali, implorar por um aparelho celular, a fim de falar com alguém da família e passei a questionar aquela necessidade daqueles sujeitos. A resposta que eu tive foi “não! Aqui, eles só podem ligar pra o familiar uma vez por semana porque quando os familiares colocam eles aqui não querem ficar sendo incomodados”. “Nós somos a família deles”.

Refletia muito sobre a função da Psicologia ali naquele local, sobre o lugar da Psicologia em um hospital psiquiátrico. Lugar que de acordo com a Lei da Reforma Psiquiátrica⁴ é ilegal. Via que os direitos daquelas pessoas eram violados, que a Psicologia daquele lugar não estava produzindo saúde mental, que a Psicologia estava apenas reproduzindo práticas institucionalizadoras e que retiravam cada vez mais a autonomia do sujeito, excludentes, que diagnosticavam e estereotipavam aquelas pessoas, práticas que reforçavam o adoecimento psíquico (Foucault, 1978).

Toda a semana nas aulas de Práticas Integrativas I, eu só levava experiências negativas para compartilhar com a turma, só levava frustração por estar em um lugar extremamente institucionalizado, engessado, que não me possibilitava realizar nenhuma prática. Por fim, fui submetida a uma situação de assédio pelo diretor médico da instituição e foi o gatilho para que eu saísse de lá. Aqueles dias para mim, fizeram-me repensar as práticas da Psicologia.

Depois, tive uma experiência na UBS do Clima Bom, que para minha satisfação me deparei com um profissional excelente, íntegro e ético. Um profissional com posicionamento político condizente e coerente com o meu e realizando um trabalho incrível na UBS, com práticas de ações de promoção e produção de saúde. Tive alguns encontros com o grupo HIPERDIA de pessoas com Diabetes e Hipertensão com o qual eu pude trocar experiências de cuidados de saúde e perceber a maneira ampla como a psicologia poderia atuar no âmbito da saúde.

⁴ Lei 10.216,01: Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental.

Em seguida, realizei um estágio não-obrigatório, no Hospital Santa Casa de Misericórdia de Maceió, no setor de Gestão de Pessoas. Durante esse estágio, pude vivenciar o racismo de perto e não só comigo.

Foi mais uma vez impressionante, quando a psicóloga supervisora perguntou às duas estudantes brancas de cabelos loiros, que também haviam feito a prova, se uma delas era a Gêssica Gabrielle, pois era o nome de quem havia feito a melhor pontuação e ficado em primeiro lugar na seleção. Para o meu primeiro dia de estágio, a psicóloga do setor, minha supervisora, me pediu para que eu fosse com o cabelo com *menos volume* e que eu fosse com *trajes sociais*, pois “a psicologia tinha que transmitir respeito e seriedade já que nós faríamos a seleção dos funcionários”. O que me deixou pensando, que caso eu não tivesse condições financeiras para fazer investimentos em roupas e sapatos sociais para estagiar, eu não preencheria a vaga, apesar do meu resultado na primeira etapa, na prova objetiva. Precisei ficar em primeiro lugar para ser escolhida e ter condição para me vestir com trajes sociais.

Não foi diferente quando começamos o trabalho. Vi pessoas serem reprovadas na seleção de emprego, simplesmente por terem o cabelo *black power*, sendo vítimas de preconceito por serem homossexuais, por seus trajes, por serem pessoas de pele preta. Nesse estágio pude perceber que a Psicologia Organizacional feita na instituição é um modelo antigo que limita a psicologia às práticas única e exclusivamente de recrutamento e seleção. Excluindo a possibilidade de uma atuação mais próxima com a(o) funcionária(o), contribuindo para que ela/ele estabeleça uma relação saudável com o trabalho e para a produção de saúde dentro deste ambiente, oferecendo apoio e escuta psicológica para a classe trabalhadora da empresa.

O estágio obrigatório teve início em sequência ao não obrigatório, num lugar bastante hostil, Hospital Geral do Estado de Alagoas (HGE). Um hospital que escolhi estagiar por vários motivos. Primeiro, eu queria estar no ambiente hospitalar e isso me fez ver que eu estava procurando o ambiente hospitalar com a maioria dos profissionais e as mesmas características do anterior. Vi alguns princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) sendo feridos, por exemplo, quando me deparei com as pessoas sem terem acesso às informações de seus familiares ou amigas/os que estavam internadas/os, quando vi pessoas sendo atendidas de maneira totalmente descontextualizadas de suas vidas. Vi

peessoas sendo mal atendidas por causa de sua cor, por sua classe social, por suas vestimentas, por seus comportamentos, dentre outras tantas experiências desafiadoras que vivi naquele espaço.

A partir dessa experiência, surgiu o interesse e necessidade de realizar o trabalho de conclusão de curso, abordando a questão da Comunicação no âmbito da saúde, mas não fluiu.

Participei de muitos eventos durante minha formação. Estava sempre presente no maior número possível de eventos.

Entendo essa necessidade minha de trazer minha dedicação, minhas participações, meu currículo acadêmico, para que eu lembre do meu percurso de formação, para que eu saiba tudo o que fiz e participei, na tentativa de ainda minimizar meu mal-estar por só estar concluindo meu TCC, depois de passados dois anos da conclusão da minha turma.

7. CONSIDERAÇÕES

Na vida, somos atravessadas(os) todos os dias por várias coisas diferentes, inusitadas, repentinas. Na graduação, não é diferente. Minha formação foi atravessada por disputa de poder, por destaque, por excelência. Fui também afetada por grandes perdas. Para alguns, é o início da vida profissional, ou seja, é uma vida. Há relações diárias com pessoas diferentes, visões diferentes de mundo. Há competições para ver quem: tira a maior nota; quem faz o melhor currículo acadêmico; quem ficará com o maior coeficiente; quem dorme menos; quem adquiriu o maior número de doenças crônicas ao longo do percurso de formação, seja uma gastrite crônica ou uma enxaqueca também crônica; quem vai a mais eventos acadêmicos; quem está inserido no maior número de atividades, sejam elas de pesquisa, ensino e/ou extensão.

E com isso, nos tornamos máquinas produtivas, passamos noites e noites de sono, a ponto de, no auge do cansaço, dormirmos debruçadas(os) sobre *notebook*, a fim de termos o prazer de contar que *passamos a noite estudando*, pois estamos imersas(os) no tão famigerado modo de produção capitalista.

Ouçó minha mãe dizer, que eu ter feito o curso de Psicologia foi a pior coisa que aconteceu na vida dela, pois segundo ela, o curso me transformou numa outra pessoa e apesar de eu ouvir da minha mãe essa fala, eu fico feliz

por ela me ver como uma pessoa diferente da que eu era. Ouço do meu tio, que *o pior lugar para se formar um profissional é a Universidade Federal de Alagoas, especificamente os cursos da área de Humanas, pois forma profissionais bitolados e que querem destruir os padrões estabelecidos pela sociedade.*

E sim, tocando nesse ponto, isso também me deixa satisfeita com minha formação, pois curso de Psicologia da UFAL se propõe ainda em formar profissionais comprometidas(os) com a educação integral e a formação do cidadão, com a promoção da saúde nos diversos níveis de atuação e capaz de compreender e intervir na estrutura e funcionamento da sociedade, com abordagem pluridisciplinar e visão histórica, ética e política. (Instituto de Psicologia – Plano Pedagógico). Desta forma, a atuação da psicologia precisa ser revisitada constantemente a fim de ser uma profissão que contribua para uma abordagem plural, comprometida politicamente, considerando os processos históricos das pessoas e dos lugares sendo sempre conduzido à luz da ética.

Fico feliz e satisfeita diante da justificativa do meu tio a respeito da formação das(os) profissionais de Humanas pela Universidade, pois mostra que a Psicologia está cumprindo com um dos seus comprometerimentos éticos que é o de contribuir para a promoção de saúde mental das pessoas, por meio dos questionamentos dos padrões estabelecidos que causam sofrimentos e adoecimentos psicológicos.

Meu processo de auto declaração de ser negra veio a partir de discussões em rodas de conversas na Universidade. Vi pessoas com as quais pude me identificar. Foi doloroso, mas sobrevivi. Meu processo de aceitação da minha bissexualidade se deu também a partir de vivências na universidade. De auto afirmação. E por esse motivo, minha mãe me diz que a UFAL foi a pior coisa que me aconteceu, porque hoje eu sou eu.

Essa escrita se configurou como autorrepresentativa, como traz Araújo (2017)

Ao repetir uma história já não somos mais os mesmos... Silveira e Ferreira (2013).

O efeito terapêutico que o texto teve em mim foi de aconchego jamais encontrado nos últimos anos. Foi uma escrita cheia de desafios, pois percebi que ao escrever, os objetivos iam surgindo, a partir do que desejava escrever,

os sentimentos que senti durante a minha formação acadêmica, os processos pelos quais passei, inclusive, de que forma eles me afetaram.

Foi necessário eu ressignificar o meu lugar como acadêmica, quase jubilada, para que eu pudesse finalizar o meu trabalho de conclusão de curso. Eu vinha num processo de autossabotagem que me fizeram duvidar a minha capacidade de finalizar meu curso.

E, recentemente, eu dialogando com a esposa do meu tio, que é Psicóloga e acompanhou o meu processo de inserção no curso de Psicologia, ouvi ela dizer que *achava que eu fosse desistir do curso*, pois viu que eu havia sido influenciada, induzida significativamente por terceiro a fazer o curso.

Por que me dói escrever? Por que é tão duro escrever? Sinto-me despedaçando, sinto que partes minhas ficam pelo na escrita, mas ao mesmo tempo me sinto em construção, construindo o ser psicóloga, reconstruindo o meu caminho que foi travado por dois anos e aqui estou eu em meio à pandemia, ao caos político, à expectativa e cobrança da família em “você vai formar quando?”, ao medo do “ser jubilada”, ao correr contra o tempo. E, a cada vez que pensei em escrever este meu percurso, dói. Dói a imposição, dói a cobrança, dói ser negra e não ter formado ainda, dói porque é terapêutico, porque a escrita é libertadora e é um instrumento para se ver. Dói porque re-atualiza as marcas e passamos a olhá-las de um outro modo Silveira e Ferreira (2013).

Hoje, consigo ver que tudo o que vivi tornou-se experiência, experiência hoje escrita como forma de diário, que se tornou meu trabalho de conclusão de curso.

Agora, neste processo da minha escrita, vejo que na verdade, a dificuldade não era para eu escrever, mas para escrever-me.

Apesar de toda a dor, a escrita, a partir da metodologia da Escrivivência, me possibilitou uma certa leveza de poder falar de mim, através de um corpo construído por invenção para protagonizar minha história.

Inventamos um corpo, forjamos uma história e nos deixamos nela. Silveira e Ferreira (2013)

Aqui, está o novelo das minhas experiências vividas e escritas, resultando em meu (eu) Trabalho de Conclusão de Curso.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, E. Existências negras e a vida em cenas de uso de crack. Revista da ABPN, Goiânia, v. 9, n. 22, p. 490-516, mar./jun. 2017.

CABRAL, Rosângela Jacinto. Territórios e Escrevivências Do e Sobre o corpo de mulheres negras, 2020.

CHAVES, Jéssica B. A intenção masculina de procurar as Unidades Básicas de Saúde: uma análise da Teoria do Comportamento Planejado / Jéssica Bazilio Chaves. –2016.

Código de Ética Profissional do Psicólogo, 2005.

DANCEY, Christine P.; REIDY, John. (2006). Estatística sem matemática: para psicologia usando SPSS para Windows.

DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

EVARISTO, C. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008. p. 194

FERNANDES, Sheyla C. S. *Crenças raciais e infra-humanização: uma análise psicossocial do preconceito contra negros*. 2011.

FONSÊCA, Cristiane M. Da. *Estudo comparativo do desempenho na realização de tarefa dupla entre idosos saudáveis e idosos com doença de alzheimer*. 2016.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: _____. *O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. Tradução P.C. de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010, p. 13-122.

GOMES, Ingrid R. R. *A intenção feminina de permanecer em um relacionamento abusivo* / Ingrid Raphaele Rolim Gomes. – 2018.

GUZMÁN, Antar M. *Cambiar metáforas en la psicología social de la acción pública: de intervenir a involucrarse*. Athenea Digital - 14(1): 3-28 (marzo 2014).

JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1960.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary J. ; MELLO, Ricardo P. *Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas* / Mary Jane Paris Spink; Jacqueline Isaac Machado Brigagão; Vanda Lúcia Vitoriano do Nascimento e Mariana Prioli Cordeiro, organizadoras. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014

MELO, Henrique F.; GODOY, Maria C. (2017) (Re)tecendo os espaços de ser: sobre a escrivência de Conceição Evaristo como recurso emancipatório do povo afro-brasileiro. *Atas do V SI-MELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. p. 1285-1304. Acessado em Fevereiro/2018, de <http://sibaese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17900/15252>.

MORAES, M.; TSALLIS, A. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. *Rev. Polis e Psique*, 2016; 6(1): 39 – 50.

OLIVEIRA, L. H. S. D. "Escrevivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621-623, 2009.

PAULA, Jessyca B. De. Relações entre funções executivas, traços de personalidade e o cometimento de infrações e acidentes de trânsito por condutores de automóveis. 2018.

Lei da Reforma Psiquiátrica 10.216/01
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm>

Desastre Ambiental da Braskem

<<https://veja.abril.com.br/blog/noblat/desastre-ambiental-por-jose-casado/>>

REMENCHE, Maria de Lourdes R.; SIPPEL, Juliano. A escrevivência de Conceição Evaristo como reconstrução do teci-do da memória brasileira. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 20(2), 2019.

RIBEIRO, Maria A.T. Memorial Acadêmico apresentado à banca de qualificação do doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, manuscrito, 2002.

SANTOS, Alysson C. Análise da Correlação Neuropsicológica entre as Funções Executivas, a Impulsividade e a Ansiedade em Pré-Vestibulandos. 2016.

SANTOS JÚNIOR, Jorge A. dos. A Análise dos preditores da intenção de utilizar a rede social Facebook: uma aplicação da teoria da ação planejada / Jorge Alves dos Santos Júnior. – 2018.

SERAPIONI, Mauro. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciênc. saúde coletiva* 5 (1), 2000.

DOI: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232000000100016>>

SILVEIRA, Marília.; FERREIRA, Ligia H. (2013). Escritas de si, escritas do mundo: um olhar clínico em direção à escrita. *Athenea Digital*, v. 13, n. 3, p. 243-263.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenead/v13n3.1187>

SOBRAL, Helenizia S. A intenção de cursar o ensino superior a partir da teoria da ação planejada/ Helenizia Santos Sobral. – 2019.

SOARES, Lissandra V.; MACHADO, Paula S. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*. vol. 17. nº 39. pp. 203-219. mai. – ago. 2017.

SOUSA, Elisabete.; GONÇALVES, Carlos. (2016). Satisfação com a Formação Superior e Transição para o Trabalho *Revista de Psicologia*, vol. 25, núm. 1, pp. 1-20.

DOI: <<https://doi.org/10.5354/0719-0581.2016.41690>>

SOUZA, Neusa S. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TEIXEIRA, Vanina P. G.. Alterações nas funções executivas, impulsividade e agressividade em indivíduos dependentes de crack / Vanina Papini Góes Teixeira. – Maceió, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia. Maceió, Instituto de Psicologia, 2013. Disponível em: <http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/ip/graduacao/psicologia/ppc>. Acesso em 05 de Abril 2021.